



**linguagem gravada-grifada-grafada com corpo**

***language engraved-marked-written with the body***

nestor varela<sup>1</sup>

univerisdade do estado de santa catarina (udesc)

**indique com sim ou não**

associado/a/e anpap: não

debora pazetto<sup>2</sup>

univerisdade do estado de santa catarina (udesc)

**indique com sim ou não**

associado/a/e anpap: não

**resumo**

o artigo investiga as possibilidades de produção de linguagem realizadas por corporalidades desviantes da cisheteronorma, explorando conceitos como opacidade, visibilidade e desobediência discursiva. a partir de referências como jota mombaça, glória anzaldúa e édouard glissant, discute-se como corpos subalternizados criam estratégias de comunicação que escapam à normatividade. o ponto culminante da reflexão é o trabalho *tipoqorpo*, uma tipografia construída a partir da visualidade de corpos desviantes que hackeiam os sistemas linguísticos tradicionais. essa linguagem gráfica subverte signos normativos, tensiona os limites da legibilidade e leva ao extremo as estruturas convencionais da escrita, instaurando uma comunicação cifrada, poética e insurgente.

**palavras-chave:** linguagem. opacidade. tipografia. fotografia. corpo.

**abstract**

*the article investigates the possibilities of language production by bodies that deviate from cisheteronormativity, exploring concepts such as opacity, visibility, and discursive disobedience. drawing on thinkers like jota mombaça, gloria anzaldúa, and édouard glissant, it discusses how subalternized bodies develop communication strategies that escape normative frameworks. the central focus of the reflection is tipoqorpo, a typeface constructed from the visuality of deviant bodies that hack traditional linguistic systems. this graphic language subverts normative signs, pushes the limits of legibility, and takes conventional writing structures to their extreme, establishing a coded, poetic, and insurgent mode of communication.*

**keywords:** language. opacity. typography. photography. body.



## **linguagem (*nota de início*)**

o presente ensaio é escrito inteiramente com letras minúsculas, escolha conceitual que adoto em dialogo com artistas e pesquisadores de arte contemporânea, para compartilhar minhas pesquisas no campo da escrita e investigações da linguagem. ao empregar apenas caracteres em caixa-baixa, busco suspender hierarquias tipográficas e igualar o valor das informações apresentadas. essa opção estilística atua como ferramenta de desestabilização das normativas do sistema de escrita convencional. a escrita teórica apresentada neste artigo é construída de forma afetiva, redigida como a narração de uma conversa, estabelecida de modo horizontal, onde dialogo com os referenciais ou me aproprio de suas falas no fluxo textual. além disso, as citações feitas aos referentes teóricos no corpo do texto são realizadas por meio do uso de seus primeiros nomes, produzindo um certo nível de intimidade e aproximação com a bibliografia. o texto também é marcado por um estilo poético e performativo, instaurado como estratégia de linguagem que opera como extensão de minha corpa. como me diria pedro lemebel: “minha escrita é uma estratégia” (lemebel, 2023, p. 11).



## gravada

entre exercícios de desobediência discursiva e de desestabilização da norma, jota mombaça me conta sobre o que abordou em seu texto *pode um cu mestiço falar*. ela narra como o silenciamento dos corpos negros foi conduzido pela máquina colonizadora, como a fala colonial se sustenta pela supressão dos corpos alocados como subalternos, como o processo de inviabilização da fala funciona como condição pela qual o sujeito dominante reafirma e perpetua seu poder. em suas reflexões, jota resgata a pergunta enunciada por gayatri chakravorty spivak no texto *pode um subalterno falar?* porém, jota inverte a diretriz da questão e propõe uma mudança nos sujeitos da sentença:

“ao invés de pôr em dúvida nossa capacidade de forjar discursos e saberes desde as subalternidades, escolho interrogar a capacidade dos marcos hegemonicamente consolidados de reconhecer nossas diferenças. assim é que, no limite mesmo da minha pergunta, insinua-se ainda outra: pode um saber dominante escutar uma fala subalterna quando ela se manifesta?” (mombaça, 2015).

o sistema hegemônico não determina apenas quais corpos podem falar, mas também, quais discursos serão escutados e legitimados. mesmo não sendo reconhecidos como sujeitos discursivos, os corpos subalternos falam, é a frequência de nossa falas que não é captada pelos seletivos ouvidos dos dominantes. criamos assim, estratégias de infiltração para que nossas manifestações sejam minimamente percebidas. jota me diz que para o conhecimento ser legitimado, ele:

“[...] precisa ceder a uma série de investimentos normativos que procuram regular desde a indagação que o move até as formas como organizamos nosso texto e a entonação da voz que devemos empregar ao lê-lo. nesse regime de produção de conhecimento, uma voz anasalada que inclua expressões do *pajubá* em suas falas certamente soará dissonante; bem como uma escrita encarnada, embalada por um ritmo próprio e assumidamente autoral, parecerá ilegível. a despeito desse marco, a força mesma desses gestos fracassados em torno da produção hegemônica de saberes e as aberturas a que estes se dirigem tensionam, ora molecularmente ora como um estrondo, o regime político que institui o que pode ser escutado e lido. as vozes anasaladas, as expressões do *pajubá*, a escrita encarnada e assumidamente autoral reivindicam seu lugar na



construção dos possíveis, e ao fazê-lo não o fazem segundo métodos tradicionais, porque necessitam produzir um rasgo profundo [...]” (mombaça, 2015).

que permita, como nos diz glória anzaldúa: “vencer la tradición del silencio” (anzaldúa, 2016, p. 104). para superar essa tradição, se faz necessário entender com quem estamos falando ou para quem queremos falar e como queremos nos comunicar. passamos assim a produzir uma fala que opera pelo hackeamento dos sistemas discursivos e pela produção de desvios. desenvolvendo ferramentas de transmissão de segredos, falas marginais que produzem comunicações cifradas. encontramos nesse movimento, táticas para nos comunicarmos e perpetuarmos nossas mensagens. jota me conta sobre o que édouard glissant lhe contou em suas conversas, sobre como as tradições de conhecimento ocidental impõem historicamente um regime de transparência, uma concepção de entendimento, onde tudo deve ser compreendido e traduzido em termos universais. essa ideia é concebida por um conceito de clareza do discurso – que também recai sobre as corporalidades –, uma fala que contenha compreensão absoluta em si. ele lhe contou que devemos

“aceitar não apenas o direito à diferença, mas, indo além, aceitar também o direito à opacidade, que não é um cercado dentro de uma autarquia impenetrável, mas subsistência dentro de uma singularidade irreduzível. opacidades podem coexistir e convergir, tecendo tecidos.” (glissant apud mombaça, 2020, p. 11).

defender o direito à opacidade, é defender que as identidades não precisam ser completamente compreendidas pelo outro para serem respeitadas, a opacidade permite a coexistência de diferenças sem a necessidade de assimilação ou explicação universal. jota explica que

“o direito à opacidade é pensado, então, como uma condição de relacionalidade, e não como um intervalo na relação. como afirmação de uma poética relacional, a opacidade engendra um território ético generativo de diferenças que se manifestam fora do cativo da compreensão, mais além do cercado do inteligível, à sombra dos regimes de representação e registros de representatividade (mombaça, 2020, p. 11).

assumir o controle sobre nossas falas, sobre nossos discursos, sobre nossas corpos e defender a existência das diferenças, é reivindicar um direito a opacidade.



## grifada

em 2021: *feitiço para ser invisível* (2019-2021), jota e musa michelle mattiuzzi, desenvolvem em colaboração um trabalho que surge a partir de sessões de investigações teóricas, onde elas tensionam relações entre os conceitos de opacidade e visibilidade e desdobram essas reflexões em uma série de desenhos em carvão, realizados em papéis de grande formato, em performances privadas e públicas. jota me conta que elas estavam trabalhando com uma ideia de estudo, ela me diz:

“[...] a gente tava elaborando um pouco uma certa crise com a performance. um procedimento que se repete e o procedimento tem a ver com papel, carvão, textos. então a gente se encontra, estuda uma série de textos a partir de um direcionamento que a gente têm. a gente escreve fragmentos desses textos e elaborações dos nosso estudo. esse primeiro momento é um momento que a gente entende como performance, mas é um momento que acontece fechado, sem uma relação com o público, só entre a gente, a gente escreve compõem essas grandes folhas de papel né, que tem ali citações, poemas, coisas que a gente elabora, cálculos, enfim tem ali registro do nosso estudo, e depois a gente tem um momento público, no qual a gente rasura, a gente lê em voz alta. e aí tem uma coisa do ler em voz alta como um elemento quase de ativação do texto, que é no mesmo tempo dividir, compartilhar né, o estudo com a audiência e com os públicos dos lugares em que a gente apresenta, mas tem também uma coisa de compartilhar e proteger, compartilhar e rasurar, compartilhar o segredo né, e a rasura devolve essa dimensão do segredo, traz de volta esse componente de capacidade e coloca ele também no processo de compartilhamento. porque, pensando com o glissant né, em que a opacidade é a condição da relação né, é a condição da relacionalidade de alguma forma o segredo é a condição desse compartilhamento né [...]” (mombaça, 2021).

o procedimento de rasura do trabalho resgata o direito à opacidade, ao se tornar opaco, o texto passa a existir como potência de profusão de significados camuflados, é por meio do compartilhamento que o legível imerge do texto tornado ilegível. “o segredo não é não é o que a gente não compartilha, mas é o que a gente compartilha com a linguagem própria, que a linguagem do segredo.” (moten apud mombaça, 2021a). uma linguagem que ao mesmo tempo, profere discursos compreensíveis e discursos confusos, legíveis ou ilegíveis, transparentes ou opacos, para públicos diferentes.



## **grafada**

em minha produção artística, tensiono a ideia de direito a opacidade, produzindo sistemas de comunicação codificados operados por corporalidades que desviam da cisheteronormatividade. em *tipoqorpo* (2024) realizo a produção de uma fonte tipográfica, que funciona como ferramenta de subversão da linguagem, concebida através do hackeamento do sistema signo-linguagem. instauro assim, uma tipografia construída por imagens de um corpo desviante, onde corpos transfiguram os valores dos signos alfabéticos, não-alfabéticos e numéricos, utilizados na língua portuguesa falada e escrita no brasil. as corpas expostas pelas imagens desviam da norma corporal definida pela cisheteronormatividade, essas corpas possuem textualidades aglutinadas sobre a pele, impostas pela leitura social, que coagem discursos silenciosos sobre a performatividade visual de nossas corpas. nossos trejeitos, frequências, estilos, o modo como nos expressamos, nos representamos, nos relacionamos com o mundo, é atravessado por olhares enviesados, que impõe uma compreensão violenta sobre nossa existência, a carne de nossas corpas carrega discursos injetados pela norma, com os quais estamos em constante embate. tornamo-nos corpas multidiscursivas, levando nossos textos particulares de encontro aos textos que nos são impostos socialmente, somos invisibilizadas ao mesmo tempo que nos tornamos hipervisíveis. a fonte *tipoqorpo* altera a imagem exterior dos elementos comuns ao sistema de linguagem normativo e codifica suas formas em híbridos corporais, sem alterar sua estrutura e valor de comunicação. os signos são travestidos pelas imagens de corpas estranhas que desviam de uma aparência desejada pelas convenções estéticas sociais. os significados das letras e outros elementos são engolidos. suas definições crescem sobre a pele das corpas, e passam a ser vestidas por elas, como o mais fino tecido já tramado. os glifos revelam a performatividade de uma nova visualidade desalienada, produzindo um código visual de comunicação, interessado em ofertar uma linguagem construída pela experimentação tipográfica. *tipoqorpo* é uma proposição que permite



“no mínimo, abrir os imaginários e reinventar as ferramentas tipográficas no contexto do debate sobre a escrita inclusiva. a tipografia aparece como um lugar onde se desenrola uma revolução que se infiltra nos usos da escrita por contaminação ou polinização. as experimentações tipográficas não propõem um design de solução aplicável imediatamente, mas sim a possibilidade de pensar novos imaginários pós-binários, narrações especulativas” (circluede, 2021).

a linguagem concebida pelo trabalho atua pela possibilidade de tornar as corporalidades e a própria linguagem opacas, uma linguagem para falarmos entre nós mesmas, a nossa maneira, para que possamos nos ler, nos escutar, nos comunicar com as nossas. “uma ficção política viva que resiste à norma” (preciado, 2020, p. 124). infiltro minha corpa em um instrumento linguístico, parindo uma linguagem marginal, uma linguagem de guerra, código-trans-não-binária, uma tipografia segredo, que comunica sem entregar tudo. coloco minha corpa sobre transparências e inverto o jogo material. a linguagem me atravessa e se instaura em sua totalidade, internamente e externamente, por dentro da garganta e na ponta da língua, desviando da legibilidade, criando uma criptografia corporal, um código que pode ser quebrado apenas pelas corpas desobedientes, que constroem uma nova possibilidade de interlocução. as corpas fundam um “estado transitório, incessantemente redefinido em função dos encontros nos quais não cessa de engajar-se” (mombaça, 2016, p 344). a linguagem que produz existe enquanto os corpos que acreditam nela cochicham uns aos outros, um segredo, acessado por quem necessita dela. uma linguagem que se infiltra dentro de outra, que se camufla, que hackea este sistema, dentro destas corpas, está contido o verdadeiro significado da linguagem. quando o corpo fala, abrimos os olhos para escutar, esta linguagem é tipo um corpo, esta linguagem é *tipoqorpo*. este qorpo está falando, você consegue me ouvir? *tipoqorpo* inaugura uma linguagem que inverte as posições de visibilidade, uma linguagem flexível, uma linguagem obstáculo, uma linguagem deformada, uma linguagem que desaparece, uma linguagem opaca, uma linguagem gravada-grifada-grafada com corpo.



com corpo

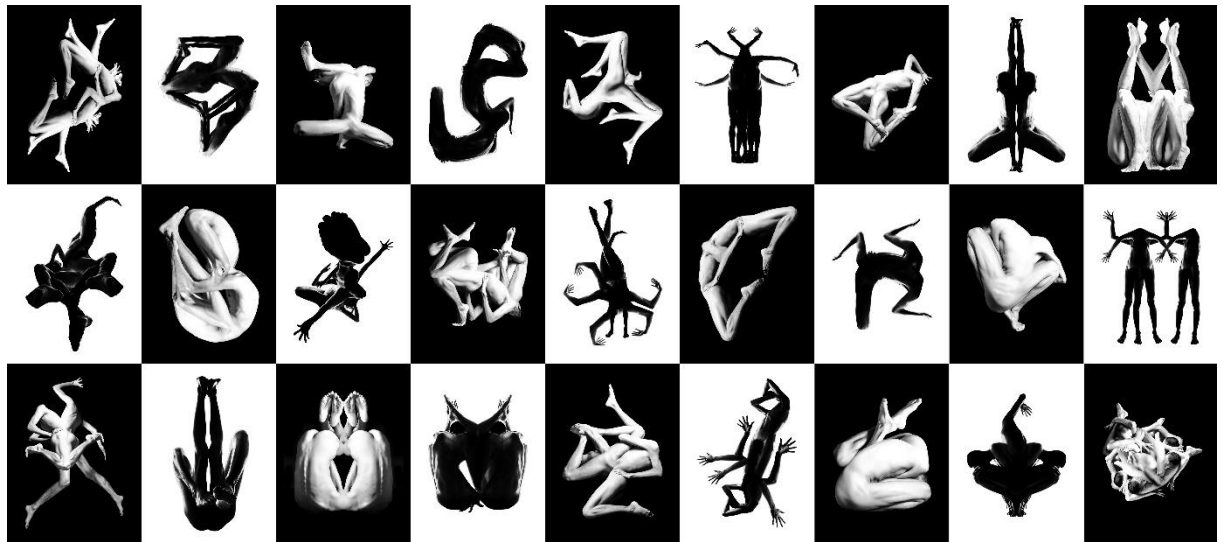


imagem 1. *tipocorpo (alfabeto)*, 2024. digital. fonte: acervo da autoria.

## referências

anzaldúa, gloria. **borderlands/la frontera: la nueva mestiza**. madrid: capitán swing, 2016.

circlude, camille. la typographie comme technologie du post-binarisme politique. **typo inclusive**, 2021. disponível em: <<https://typo-inclusive.net/la-typographie-comme-technologie-du-post-binarisme-politique/>>. acesso em: 25 mar 2025.

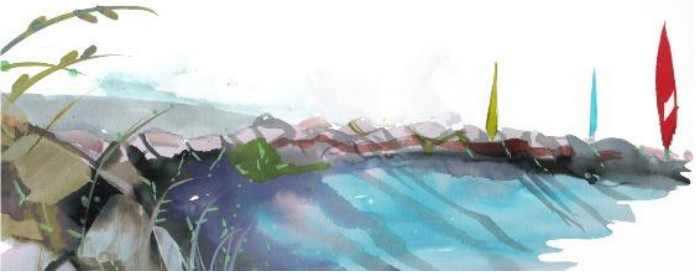
lemebel, pedro. **poco hombre: escritos de uma bica terceiro-mundista**. rio de janeiro: zahar, 2023.

mombaça, jota. **#34biental (entrevista/interview) jota mombaça**. [entrevista concedida à bienal de são paulo. são paulo, 2021. disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=dsjr-jg5xbo&t=286s>>. acesso em: 24 mar 2025.

mombaça, jota. a plantação cognitiva. arte e descolonização: **masp afterall, n. #9**, 2020. disponível em: <<https://assets.masp.org.br/uploads/temp/temp-qyyc0fpjzwoj7xs8dgp6.pdf>>. acesso em: 20 mar 2025.

mombaça, jota. pode um cu mestiço falar? **medium**, 2015. disponível em: <<https://medium.com/@jotamombaca/pode-um-cu-mestico-falar-e915ed9c61ee>>. acesso em: 20 mar 2025.

preciado, paul b. **um apartamento em urano: crônicas de travessia**. rio de janeiro: zahar, 2020.



# extremos

34° Encontro Nacional *anpap*® FURG Rio Grande/RS

---

<sup>1</sup> nestor varela. doutorande e mestre em artes visuais na linha processos artísticos contemporâneos do programa de pós graduação em artes visuais (ppgav) da universidade do estado de santa catarina (udesc), florianópolis, santa catarina, brasil. tecnólogo em fotografia pela universidade do vale do itajaí (univali), itajaí, santa catarina, brasil. artista visual e produtorie cultural. florianópolis, santa catarina, brasil. lattes id: <http://lattes.cnpq.br/9776262435266447>. orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4970-0692>. e-mail: [nestorvarela.arte@hotmail.com](mailto:nestorvarela.arte@hotmail.com)

<sup>2</sup> debora pazetto é artista e docente do curso de artes visuais e do ppgav / udesc. tem graduação em filosofia e em artes visuais, mestrado e doutorado em filosofia da arte. sua atuação transversal (teorias e processos) deriva de pesquisas em teorias queer/cuier, pensamento sapatão e arte drag. seus trabalhos se materializam nos campos da escrita instalada e da palestra-performance, investigando os dispositivos acadêmicos – como o periódico, o colóquio, o paper, o plano de ensino – enquanto plataformas performáticas.